



GT 10 – Informação e Memória

TELHADO DE VIDRO EM GONZAGA RODRIGUES: memória da cidade em crônicas

Ana Claudia Cruz Cordula¹, Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

RESUMO: A crônica é um gênero híbrido e por isso se encontra entre Jornalismo, Literatura, informação e memórias da cidade. Na Paraíba, há vários cronistas de destaque, como o jornalista Gonzaga Rodrigues. Este artigo desvela as memórias da cidade de João Pessoa e da Paraíba presentes nas crônicas de Gonzaga Rodrigues, em específico na crônica *Telhado de Vidro*, em defesa de um telhado para a Praça do Ponto de Cem Réis, cobrindo o quadrado de aglomerações e conversas desde o Cine Plaza ao Café Alvear. Trata-se de uma crítica ao conjunto arquitetônico do Paraíba Palace Hotel que provocou descontentamento por parte de populares. Objetiva-se descortinar as informações das crônicas fomentando a sua disseminação agregada à interpretação dada, à medida que essa produção vai sendo ressignificada. Essas informações estão atreladas ao cotidiano da cidade de João Pessoa, nas esferas política, patrimonial, histórica e social vista sob o viés da memória e da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Crônica. João Pessoa. Gonzaga Rodrigues.

ABSTRACT: Chronicle is a hybrid genre and so it is found in Journalism, Literature, information and memories of the city. In Paraíba, there are several prominent chroniclers, as the journalist Gonzaga Rodrigues. This article reveals the memories of the city of João Pessoa and Paraíba present in Gonzaga Rodrigues' chronicles, in particular in the chronicle *Telhado de Vidro* in defense of a roof for Ponto de Cem Réis Square, covering the area which was always crowded and with conversations from the Plaza Movie Theater to Café Alvear. It is a criticism about the architectural structure of Paraíba Palace Hotel which caused disagreeable comments by the locals. The objective is to unveil the information on the chronicles encouraging their dissemination along with the given interpretation as this production is re-

¹ UFPB

² UFPB

signified. This piece of information is linked to the daily life of Joao Pessoa city, in the political, heritage, historical and social spheres under the bias of memory and Information Science.

Keywords: *Memory. Identity. Chronicle. João Pessoa. Gonzaga Rodrigues.*

1 PRIMEIROS ESCRITOS: do cotidiano às questões identitárias

A presente pesquisa traz uma relação com a temporalidade, a historicidade e a singularidade do objeto de estudo, informação e memória, constituindo as fontes de uma história extraída de um conjunto de documentos. O intuito da investigação é de fazer emergir a memória da cidade de João Pessoa, descortinando o cenário social, político e patrimonial, além do aspecto físico-temporal, revelando, assim, aspectos do pensamento e das representações memorialísticas da cidade (BOURDIEU, 2006).

A necessidade de registrarmos informações provenientes das ações humanas demanda, ao longo da história da humanidade, uma multiplicidade de registros que nos servem de prova e testemunham as nossas ações. Assim, temos como produto dessas ações, os documentos que, constituídos pelo suporte material, detêm a informação. Ele é o registro concreto que serve de prova para fatos, modos de vida, crenças, e ações dos homens em um determinado tempo e lugar.

Diante desse contexto, é importante enfatizarmos que nem todo objeto pode ser considerado um documento, mas pode tornar-se documento. E o que faz o objeto tornar-se documento? O elemento essencial que faz essa ponte na transformação do objeto em documento está pautado no desejo de obter informação, mesmo que o objeto não tenha sido criado com essa intenção (ORTEGA; LARA, 2010). O que não é o caso das crônicas. Essas foram escritas no intuito de traçar o momento, o período, o lugar, remontando histórias, contextos, cenários, o que nos leva a compreendê-las como documentos dotados de informações, capazes de resgatar o fio da memória. Logo, esse mote da produção literária, do escritor Gonzaga Rodrigues, tem por função, originalmente, ser suporte de informação e memória da cidade, todavia, essa função só é assumida de acordo com a situação e uso.

Para Bakhtin (2003) o cronotopo trata essencialmente das relações temporais e espaciais assimiladas artística e esteticamente na literatura, ou seja, em nosso caso a crônica não pode ser pensada fora da dimensão espaço-tempo, isto considerando o espaço enquanto estrutura do social compreendido sob o curso do tempo que é sempre histórico. Segundo o autor, ao analisar Goethe

constitui-se na “lógica geológica e histórica da existência do ambiente” (BAKHTIN, 2003, p. 239).

Neste sentido, sabendo-se que a crônica descreve acontecimentos de forma cronológica e que Castro (2003) relatou ao prefaciar a obra “Café Avelar: ponto de encontro perdido”, de Gonzaga Rodrigues (2003), na Paraíba, a crônica chega a constituir-se um fenômeno cultural. Nessa linha de raciocínio, despertamos para as questões informacionais, narradas nas entrelinhas de seus escritos. Logo, penetrar nessa seara literária – nas crônicas escritas por Gonzaga Rodrigues – é uma tentativa de (re)significar essas memórias contribuindo para a construção das identidades coletivas que, mesmo sendo identidades sempre em curso, como afirma Santos (1994, p.127), são esteios fundamentais do autorreconhecimento do homem como sujeito de sua história (DELGADO, 2003).

Logo, a história vivida, narrada no fio da memória, constitui-se um espetáculo vivo e natural capaz de reencontrar a imagem de um passado (HALBWACHS, 2006). Mesmo que a esse passado agregue-se a experiência do presente, conforme menciona Bosi (1994), constituindo-se, pois, no maior desafio desta investigação/interpretação.

Dessa maneira, pensando a memória vinculada à informação, destacamos que ela se encontra atrelada a um contexto social, cultural e temporal, vislumbrando o seu potencial como fenômeno social. Assim, como destacam Oliveira e Azevedo Netto (2007), podemos percebê-la como conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, detêm experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade com esse passado imediato ou remoto.

Passemos a compreender que as crônicas escritas por Gonzaga Rodrigues se constituem uma memória a ser decifrada, um trabalho interpretativo de suas narrativas. Logo, passemos também a compreender a memória como fenômeno atual, uma ligação com o eterno presente. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto (BAUMANN, 2011, p.43) e, neste caso, o conjunto de crônicas será considerado enquanto espaço de memória (NORA, 1993).

O desafio dessa investigação é percorrermos, através da “memória”, os labirintos da produção intelectual de Gonzaga Rodrigues, percebendo as crônicas enquanto espécies documentais, que traduzem pela escrita literária, informações da cidade de João Pessoa, podendo viabilizar a construção e/ou o fortalecimento das identidades locais. Considerando o núcleo desta

pesquisa, recordemos Baumann (2011), que traz a memória como a base para a construção da vida, da consciência do indivíduo e, portanto, dos grupos sociais, iniciando-se pela formação da própria sociedade. Através dela ocorrem os mais variados registros nos processos de identificações dos sujeitos com o espaço em que se inserem e as consequentes relações que se vêm estabelecer a partir dessa identificação. Neste sentido, ao tornar conhecidas as memórias intrínsecas nas crônicas, enquanto produção intelectual, analisamos a ação social do discurso recaindo sobre a sociedade. Mas, antes de transitarmos pela obra, é importante conhecermos o autor, aquele que escreve as crônicas que, ao serem publicadas, passam a fazer parte do cotidiano da sociedade.

2 LUIZ GONZAGA RODRIGUES: rei da crônica paraibana

Dos primeiros levantamentos, revelou-se um homem nascido em 21 de junho de 1933, na cidade de Alagoa Nova (PB). Filho único de Manuel Avelino Rodrigues e Dona Antonina Freire Rodrigues, Luiz Gonzaga Rodrigues, desde cedo, se interessou pela literatura. Jornalista, literata, cujo homônimo com o rei do baião, Luiz Gonzaga reflete igualmente o título de rei, “rei da crônica paraibana”. O escritor revela-se um amante da escrita, autodidata, não tendo concluído sequer o antigo ginásio. O jornalista que trabalha nesse cenário há mais de 60 anos assumiu vários postos, por exemplo, o de repórter, revisor, autor de ensaios, entre outras funções nas redações dos principais jornais do estado da Paraíba.

Conforme afirma Audaci Junior (2015), Gonzaga Rodrigues foi testemunha ocular de movimentos como a formação das ligas camponesas e se fazendo presente como o homem de pensamentos e ideologias políticas sem militâncias, que dividia ideias e reivindicações com governantes como José Américo de Almeida (1887-1980), José Agripino, Wilson Braga e Tarcísio Burity (1938-2003), entre outros.

Em seu labor literário, o escritor/jornalista proporciona prazer aos leitores paraibanos ao deleitarem-se com suas crônicas desde 1970. O apreço aos livros e à prática da leitura tornou-se molas propulsoras, possibilitando-o um aprendizado cotidiano e intelectual, ampliando a sua visão, o seu vocabulário, a sua formação. Para ele, os livros assumiram o papel de universidade, sendo importante destacarmos que o seu desempenho profissional teve o reconhecimento marcado pelo recebimento do título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Foi sua prática leitora que apurou o seu aprendizado e que lhe trouxe habilidade com as palavras, com a escrita, conforme ele mesmo relata: "Ler era o que eu gostava de fazer. Li muito a partir dos 15 anos: todos os principais clássicos brasileiros. Foi o que me deu toda essa visão que eu tenho. Os livros foram a minha universidade."

Em sua carreira de escritor, o paraibano escreveu vários livros. Além de ter ocupado os mais importantes cargos em jornais paraibanos, o autodidata Gonzaga Rodrigues é um proeminente jornalista de todos os tempos na Paraíba. Assumindo alguns cargos importantes frente ao cenário jornalístico e literário, ele foi Secretário de Comunicação, presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API) e da Academia Paraibana de Letras (APL), onde ocupa uma cadeira de imortal.

Embora não tenha formação superior, os longos anos de experiência jornalística proporcionaram-lhe a oportunidade de ajudar a fundar o curso de Comunicação Social e a habilitação acadêmica, na UFPB, no final dos anos 1970. O rei da crônica paraibana, como é conhecido no meio literário, relata que sempre sonhou em ser poeta e romancista, mas a sua sensibilidade em observar o cotidiano nos brindou, enquanto leitores, com sua produção como cronista. Para tanto, tem como prática, após a publicação em jornais republicá-las em formato de coletâneas, o que tem lhe rendido vários livros, proporcionando, segundo Nascimento (2013, p. 74) "quando publicada em livro, a Crônica não morre. Pode até envelhecer, mas torna-se perene". Nesse sentido, os livros de Gonzaga Rodrigues vão consolidando seu olhar sobre a cidade retratando e immortalizando sua visão de mundo, recordações que ele a partir dos indícios tem da Paraíba e de João Pessoa, suas nuances políticas, sociais, culturais e históricas. Uma vida em movimento.

3 TEMPO, COTIDIANO E CRÔNICA: as memórias da cidade

Sabendo-se que a crônica é uma narrativa histórica que apresenta fatos descritos geralmente em ordem cronológica, consideremos a relevância do "*chronos*", que significa "**tempo**", derivado do grego. Tempo que tem uma relação intrínseca com a memória, com a história, e com crônica, que vem do *chronos*. Destarte, levando em consideração que o tempo é uma vivência concreta, que embora aparente ser abstrato, este se reflete em movimentos de

múltiplas faces que, no contexto do cotidiano, elucubram representações coletivas, individuais, continuidades e descontinuidades, percebemo-lo, portanto, em um processo constante de devir. Este tempo que parece efêmero, orienta perspectivas e visões sobre o passado, avaliações sobre o presente e projeções sobre o futuro. Logo, o tempo, a memória, os espaços (lugares) e a história caminham juntos (DELGADO, 2003).

Nessa perspectiva, a memória no escopo da CI pode ser compreendida enquanto guardiã do passado, necessitando que haja uma resignação no presente para que a mesma seja revelada. Para tanto, as informações que permeiam este estudo são consideradas como aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos. Fenômeno tal em que há não apenas a produção de um bem simbólico, mas também sua disseminação, que implica a sua própria reprodução, já que a dimensão espacial é extremamente dinâmica dentro da sua recontextualização (AZEVEDO NETTO, 2007).

O fazer literário é dinâmico, e a sua realização é rigorosamente histórica, considerando que esse fazer, ou seja, essa força literária evidentemente altera-se de acordo com o compasso da história. O tempo unitário é a força propulsora da criação literária. Por isso, a obra literária é radicalmente histórica. Uma reflexão sobre a literatura não pode ser uma reflexão apenas literária, mas também histórica, pois a experiência criativa é experiência humana; é a relação de sujeito e objeto; é a constituição dinâmica articulando percepção e imaginação em um mesmo trabalho inventivo.

O verdadeiro escritor é aquele que condensa em seus escritos a força de expressividade de uma época. Essa expressividade também pode estar inscrita no gênero literário, denominado crônica. Gênero este que habita as colunas dos nossos jornais dentro de um percurso sinuoso, porém matizado, ajustando-se à trama existencial da sociedade e da cidade.

A crônica é um dado remissor da informação, na medida em que extrai desta a sua força popular. É através da palavra elaborada dos cronistas que a informação se vê redimida esteticamente, uma vez que a sua receptividade popular indica que a sociedade não é insensível a esse discurso, a essa “faculdade de dar um sentido solene e alto às palavras de todo dia” (BRAGA, 1967, p.8).

Em muitas crônicas seria difícil encontrar a questão temática. Em muitas delas, o tema é justamente a falta de tema. A crônica que assim procede, é acima de tudo crônica, arte literária. Se tentarmos uma aproximação do sistema dos gêneros literários, a crônica é considerada como

um desdobramento marginal do fazer literário (BOSI, 2002). Mas o certo é que a crônica se instalou na conversa modernista, ampliando a sua força, mais do que isso, traçou o seu próprio perfil. Todo e qualquer gênero literário só tem sentido se for uma função futura do presente.

Quando relacionamos o tempo com a vida cotidiana, inevitavelmente, associamos a dois objetos indispensáveis nessa passagem da vida e na vivência do dia a dia. São eles: o relógio e/ou o calendário. Logo, estamos pensando no tempo e na sua relação com o espaço. Nesse sentido, podemos avaliar esses utensílios, como auxiliares, na relação prática do tempo com a memória; embora a forma como o tempo cronológico seja vivido e experienciado na sua velocidade não interfira no tempo marcado pelo relógio, e a memória intrínseca ao homem não apresente um tempo fixo, ela apenas está presente, independentemente do tempo em que o “fato” ocorreu, ou foi vivenciado. Destarte, recordemos Candau (2013, p.64)

[...] no seu esforço memorial cotidiano, o indivíduo recebe o apoio permanente da sociedade que lhe fornece um certo número de utensílios visando facilitar-lhe a tarefa. Existe primeiro o calendário [...] ele não é apenas a memória dos dias comuns (passado ou futuro) para cada indivíduo, mas é também o depositário de uma memória partilhada [...]. Contrariamente ao relógio que valoriza o tempo presente (a experiência cotidiana), o calendário valoriza o tempo passado e o tempo que há de vir.

Logo, o calendário pode ser compreendido como um facilitador para (re)significação das memórias cotidianas. Nascimento (2005) referencia Berger e Luckmann (1985), que trazem a realidade da vida cotidiana em sua forte relação com o tempo. Para eles, ela é carregada de uma estrutura temporal que fornece historicidade. Dessa relação do tempo com o cotidiano, podemos evocar as crônicas, que fadadas ao esquecimento ou não, mesmo que por um instante, nos fazem pensar, refletir, discutir, dialogar com o nosso tempo (GOMES, 2010, p.101). Logo, o cronista se alimenta dos acontecimentos diários, sendo esses a base de uma crônica, o que demonstra o elo com a concepção etimológica da palavra crônica, que vem do grego: *kronos*, significando tempo, e do latim: *chonica*, uma narração em ordem cronológica (BOLCCHESE, 2011). Percebe-se que o diálogo com o tempo, afirmado por Gomes (2010), se dá desde o nascimento da crônica.

Canani (2014, p.46) acrescenta que ao recorrermos ao termo crônica, deparamo-nos com “[...] diversas traduções, mas todas apontam para esse significado ligado à cronologia, pela vinculação de fatos narrados a uma relação tempo/espaço.” Nesse sentido, destacamos que diante dos conceitos formulados, implica-se a eles a noção de tempo, presente na própria relação da origem da palavra, conforme citado anteriormente. Assim, entrelaçado ao conteúdo narrado, estão

componentes do tempo e da memória. O que Canani (2014) refere-se a um meio de representação temporal dos eventos passados, são registros da vida, são relatos em permanente relação com o tempo, registrados e narrados com o objetivo de prevenir o esquecimento, além de tornarem-se um meio de fazer saber sobre o passado às gerações futuras.

Embora a crônica possa apresentar um viés ficcional, em meio à sua narrativa, como está vinculada à narrativa de fatos cotidianos, ela também exige fidelidade textual e até cronológica dos fatos abordados.

Portanto, o foco de interesse da crônica são os pequenos momentos vividos pelo homem, a brevidade do instante em que eles ocorreram, pois faz parte da natureza humana lembrar e contar fatos, bem como resgatar sua história. Até mesmo os primeiros cronistas portugueses se preocupavam com a observação e o registro dos fatos, vinculando o tempo à memória por meio de uma narração histórica objetiva (CANANI, 2014, p.47).

Bosi (1994) compreende a crônica em seu vínculo com o tempo social. Como, para ele, a história do homem brasileiro vincula-se a um determinado tempo social, ele discorre:

A pré-história das nossas letras interessam como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram aos primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio, dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte (BOSI, 1994, p. 13).

O autor relaciona os primeiros relatos do Brasil à pura crônica histórica, tendo importância fundamental para a cultura brasileira. Nessa perspectiva, as crônicas narradas pelo jornalista Gonzaga Rodrigues revestem-se de fatos vividos e narrados, tendo como cenário a cidade de João Pessoa, e sua ressignificação trará à tona informações vividas e experienciadas no cotidiano da sociedade pessoense.

4 DOCUMENTO E INFORMAÇÃO: elementos de sentido

Ao longo da história da humanidade vem se evidenciando a necessidade de registrarmos informações provenientes das ações humanas. Essas demandam uma multiplicidade de registros que nos servem de prova e testemunham as nossas ações. Nesse sentido, o documento, fruto dessa necessidade, constitui-se do suporte material, detendo a informação em suas entrelinhas.

Ele é o registro concreto que serve de prova para fatos, modos de vida, crenças, e ações dos homens em um determinado tempo e lugar.

O documento sempre foi considerado como instrumento de base de registro das ações administrativas, ao longo de sua produção e utilização, pelas mais diversas sociedades, civilizações, épocas e regimes, sendo importante compreender que ele pode apresentar três características fundamentais: servir para a comprovação dos direitos, para o exercício do poder, e percorrendo o nosso foco norteador, para o registro da memória.

Ao trabalharmos com os documentos que compõem o acervo pessoal do jornalista Gonzaga Rodrigues, é importante compreendermos que as crônicas, ao serem analisadas, foram tomadas enquanto documentos arquivísticos, considerando que foram produzidos por uma pessoa física no exercício de suas atividades profissionais, sendo organizados e acumulados com o objetivo de prova e/ou de informação, caracterizando, assim, o documento de arquivo (CAMARGO; BELLOTTO, 1996).

Dessa forma, tendo em vista trabalharmos com as informações que permeiam as crônicas, *locus* privilegiado, que transborda a memória e evidencia o seu potencial identitário, adotamos o paradigma informacional, científico e pós-custodial. Valorizando, assim, a informação como fenômeno humano e social, sendo a materialidade em qualquer suporte, inclusive sob a forma da percepção dos sentidos, um epifenômeno (RIBEIRO, 2011, p. 64).

A ideia de documento como estrutura, conteúdo e contexto, é rompida, “quebrando” a visão da informação como algo fixo, preso em um único meio. Assim, a informação ganha dimensão, tornando-se um componente capaz de ser (re)significado pelo sujeito, atrelando-se a um contexto, a uma temporalidade, a um lugar. Essa relação é possível através da memória, que se torna um elo entre o indivíduo, a coletividade e os contextos informacionais.

Nesta perspectiva, no decorrer deste trabalho, a informação não será tomada apenas sob o ponto de vista do(s) sujeito(s), suas narrativas serão compreendidas enquanto artefato de memória, e, à medida que essas informações forem tratadas e disseminadas, estaremos transitando sob os paradigmas cognitivos e sociais (CAPURRO, 2003), que perpassam a informação no cenário do sujeito, tanto no viés individual quanto no coletivo.

Na relação entre informação, documento e memória, percebemos que, embora existam imbricações anteriores em termos de temporalidade, é através desse contexto memorialístico que o documento se torna um fio condutor da informação. Enquanto evocadora do passado, a

memória traz para além das informações e das experiências de um fato vivido os referentes do passado para a construção de uma memória no/do presente, configurando um cenário individual emergindo no coletivo.

Silva e Oliveira (2014) relatam que a memória traz em sua entrelinha “*os traços informacionais*”, através da organização da matéria no processo de representação da informação, possibilitando a evocação de uma “informação revitalizada” na medida em que atende à sua principal função que é a recuperação e consequente disseminação desta informação.

4.1 Memória e Identidade: faces imateriais do vivido

Embora o processo da memória seja marcado pela dualidade entre a lembrança e o esquecimento (RICOUER, 2007), tomaremos como elo maior o viés da lembrança, que faz “guardar” os acontecimentos capazes de remontar o cenário literário, político, cultural e social da cidade de João Pessoa, em uma linha tênue através das crônicas produzidas pelo jornalista Gonzaga Rodrigues. Nesse ponto, recordemos Niethammer (1997, p.128), evidenciando que “toda lembrança é um processo socialmente condicionado de reconstrução que se apoia na estrutura social de relíquias culturais e rituais de comunicação”, e essa comunicação pode ser compreendida em sua íntima relação com a própria informação imbricada, neste caso, nas entrelinhas dos escritos. Em consonância com o autor, Lahire (2004) aponta:

[...] de alguma maneira, cada indivíduo é o “depositário” de disposições de pensamento, sentimento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais (LAHIRE, 2004, p. 10-11).

É importante percebermos que a memória, mesmo estando atrelada ao sujeito, sempre estará conectada a um contexto social no tempo e espaço. Nesse sentido, compreendemos a memória como um processo dinâmico, pois se apresenta em permanente mudança, atuando como uma “ponte” entre o sujeito histórico e um grupo social. Nessa perspectiva, a memória é um fenômeno simultaneamente individual e coletivo. Ela é um trabalho sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo (BOSI, 1994).

Diante dessa afirmativa, recordemos Halbwachs (2006) que acredita que a memória individual existe, mas não se delimita fora da trama social que o homem vive e atua, tendo sempre uma conexão com a memória coletiva. Para o autor, a história vivida, narrada no fio da memória, constitui-se um espetáculo vivo e natural capaz de reencontrar a imagem de um passado (HALBWACHS, 2006). Porém, a esse passado agrega-se a experiência do presente, conforme menciona Bosi (1994).

Candau (2012) faz uma analogia da memória com um museu de acontecimentos que são singulares e representam marcos de uma trajetória. Podemos considerar também a memória coletiva, já que esse emaranhado social não pode ser percebido de forma isolada, e a memória individual estará sempre vinculada à coletividade. Nesse viés, a memória, quando evocada, apresenta-se como uma representação de marcos de uma trajetória. Ela não conduz à reconstrução do passado. A evocação da memória possibilita uma reconstrução dela própria, uma forma de representar o que foi feito, vivido, e essa representação traz consigo a perspectiva do presente (GONDAR, 2005).

Assmann (2011, p.21) referencia Stevo (2006) destacando que o passado sempre é novo, portanto, ele se altera constantemente, assim como a vida segue em frente. O autor compara a relação entre o presente e o passado a uma orquestra, na qual o presente é o maestro que conduz a canção do passado, às vezes, curto, ou longo, por vezes, canta, por vezes, cala. Não voltamos no tempo para reviver, mas refletimos sobre o vivido, agregando a experiência do presente ao frescor dos acontecimentos passados. Assim, ao lembrarmos, estaremos representando “com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Cabe considerar, pois, que o conceito de memória está interligado à sociedade, tanto no viés da forma individual quanto na forma do coletivo, “[...] conjugando e nutrindo uma relação existencial sobre si, sobre outro e sobre nós, em uma realidade de alteridade e significado que se estrutura em nossos *habitus*³, configurados no cotidiano” (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p.136). Essa concepção vincula-se diretamente à proposta da pesquisa, ao tomarmos as crônicas, enquanto documentos, teremos acesso às memórias, narradas em suas entrelinhas, que possibilitarão trazer à tona a representação da cidade de João Pessoa viabilizando, assim, a recuperação e disseminação das informações incutidas nesta produção.

³ Um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as *experiências passadas*, funciona *a cada momento como uma matriz de percepções*, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Observemos as crônicas enquanto “lugar de memória⁴”, lugares que, segundo Nora (1993), são representados desde os objetos materiais e concretos, até os mais abstratos, simbólicos, funcionais, ativos, dinâmicos e vivos.

Nesse aspecto, enfatizemos:

A memória, portanto, já não pode mais nos dias de hoje ser associada metaforicamente a um “espaço inerte”, no qual se depositam lembranças, devendo ser antes compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o Ser Social a cada instante (BARROS; 2009, p.37).

Diante desse contexto, sendo ela individual ou coletiva, percebe-se uma íntima ligação entre memória e identidade, ressaltada, por Santos (1998), como uma relação indissolúvel. Isso se resume em uma relação dialética da memória e da identidade, as quais se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma narrativa, uma história, uma trama social. Destarte,

A noção de identidade, que rompe com as dicotomias entre indivíduos e sociedade, passado e presente, bem como entre ciência e prática social, está tão associada à ideia de memória como esta última à primeira. O sentido de continuidade e permanência presente em um indivíduo ou grupo social ao longo do tempo depende tanto do que é lembrado, quanto o que é lembrado depende da identidade de quem lembra. Da mesma forma que a identidade, a memória também deixou de ser pensada como um atributo estritamente individual, passando a ser considerada como parte de um processo social (SANTOS, 1998, p.2).

Diante dessa afirmativa, destacamos que a memória em seu contexto coletivo pode ser considerada como elemento constitutivo do processo de construção de identidades coletivas, envolvendo o cenário social. Para Candau (2012, p.77), um “tecido memorial coletivo vai alimentar o sentido de identidade”. Para o autor, a memória fortalece a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo. Ele afirma que há uma dialética entre a memória e a identidade, marcada por uma nutrição mútua, onde uma se apoia na outra para produzir narrativas, histórias, trajetórias, ao longo da vida, ao longo do tempo. Sendo o tempo, um tecido invisível, que possibilita a interação e a própria ação dual entre a memória e a identidade.

⁴ Termo adotado por Pierre Nora.

5 MEMÓRIAS DA CIDADE DE JOÃO PESSOA: olhar gonzaguiano nas ruas da cidade

Em suas crônicas, Gonzaga Rodrigues revela nuances sociais, históricas, culturais, políticas da cidade de João Pessoa, logo compreendemos sua produção escrita, enquanto “médium de eternização e suporte de memória”, como preconiza Assmann (2011, p.195). A referida autora entende a escrita como um projeto de eternização, logo Gonzaga Rodrigues, ao escrever sobre João Pessoa, suas ruas, seu povo, acontecimentos políticos e sociais, está utilizando a escrita como um meio de lembrar, preservar e possibilitar a evocação das lembranças desses espaços e das ações. Com base nessa perspectiva o escritor interpreta as intenções complexas dos atores sociais da época bem como das classes sociais (BAKHTIN, 2003). Nessa linha de pensamento, Gonzaga mostra nas entrelinhas de suas crônicas as questões identitárias da cidade de João Pessoa (PB), cidade em que vive desde sua terna adolescência, dissolvida em lugares, pessoas e até mesmo pelo próprio autor, revelando o seu viés individual, seu relato pessoal, partido de um aspecto confessional, o que viveu, como viveu, com quem viveu, entrando no cenário coletivo.

Em uma ação investigativa, transitamos sobre suas crônicas, objetivando analisar a construção de seus escritos e sua relação com as questões identitárias da cidade de João Pessoa, reveladas nos diversos aspectos cotidianos, mas, sobretudo, nos aspectos social, político e histórico.

É importante destacar que o referido cronista, como é conhecido no contexto literário, escreveu algumas obras, uma delas intitulada: “FILIPÉIA⁵ E OUTRAS SAUDADES”. Nessa obra especificamente, Gonzaga é evocado pelo prefaciador como um historiador social, papel que assumiu com propriedade nas narrativas de sua produção. Para fins deste artigo, apropriamo-nos para análise da crônica “Telhado de Vidro”, que compõe um dos textos do livro de crônicas intitulado: *Café Alvear - Ponto de Encontro Perdido*, publicado em 2003, da autoria de Gonzaga Rodrigues. Nesse escrito, o “Café Alvear” vai se revelando como o lugar social em que se inscreve a história da cidade e preserva a memória do seu repertório coletivo. Nessa crônica, o autor trata da vida cotidiana na cidade de João Pessoa, em especial o cenário social, político e

5

A cidade de João Pessoa foi também chamada de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, em 29 de outubro de 1585, em atenção ao rei da Espanha D. Felipe II, quando Portugal passou ao domínio Espanhol.

cultural em torno dos que frequentam o “famoso” Café Alvear. Cafeteria inaugurada na década de 40, ponto de encontro da sociedade pessoense. Conforme relata Rodrigues (2003, p. 16): “Alvear dos políticos, dos poetas, dos homens de negócio ou sem negócio nenhum. Alvear que evitava a dispersão do repórter e da notícia, atraindo todos para seu plenário.”

Em seus escritos, há que considerar uma certa fidedignidade aos aspectos temporal e social revelados através da menção a várias épocas, permeadas nas entrelinhas de suas crônicas. No caso específico da crônica “Telhado de Vidro”, o autor possibilita uma caminhada pela Praça Vidal de Negreiros, popularmente conhecida como Ponto de Cem Réis. Uma (re)descoberta de ruas e locais, pessoas, em torno da praça, uma radiografia de como se configurava o cenário social, político e cultural entre as décadas de 40 e 60.

A relação espaço-temporal marca a concepção de cidade, conforme preconiza Pesavento (2005). Neste caso, transitamos sobre a representação do passado na tentativa de relacionar os fatos narrados à memória e às questões identitárias da cidade de João Pessoa (PB), considerando, evidentemente, a estrutura narrativa do texto, compreendendo-o enquanto gênero híbrido, que se interconecta com a Literatura, a História, a memória e o Jornalismo. Na perspectiva da ciência da informação, recordemos Guedes Júnior (2011, p.3-4) ao afirmar que:

As cidades, aglomerações humanas por excelência, mais do que o conjunto de ruas, prédios, praças e monumentos, se definem como espaços de relações sociais e pessoais, e são estas que constroem sua imagem, sua identidade, seu valor afetivo e efetivo. Há quem diga que a cidade, para além de sua materialidade física, são seus habitantes, seus comportamentos, suas culturas, suas hospitalidades, seus hábitos.

Na crônica “Telhado de Vidro”, o escritor em sua narrativa demonstra as práticas sociais que se cristalizaram no período entre as décadas de 40 e 60, nos lugares, os fatos vividos na cidade de João Pessoa por ele e por outros “personagens”, que vivenciaram a efervescência de décadas anteriores especialmente na década de 60, período de repressão, da ditadura militar. Diante desse contexto, vejamos o fragmento extraído da crônica em análise: “**João do Ó** defendia um telhado de vidro para o **ponto de Cem Réis**. Telhado sobre colunas altas, abarcando o quadro de aglomeração e conversas, desde o lado do **Plaza**, ao **Café Alvear**.” (RODRIGUES, 2003, p.130).

João do Ó, personagem de sua crônica, representa as inúmeras pessoas que circulavam no ponto de Cem Réis, no centro da cidade de João Pessoa. Lá era o ponto de encontro de

intelectuais, políticos, transeuntes, por onde passava o bonde, imerso em pontos comerciais, farmácias, consultórios médicos, cinema, o Café Alvear.

No texto, o cronista defende por meio de seu personagem político e crítico social a colocação de um telhado de vidro no **Ponto de Cem Réis**, e especifica do **Plaza** ao **Café Alvear**, pontos extremos, nas duas ruas paralelas em torno do Ponto de Cem Réis, sendo ambos, cenários de encontros, bate-papos, negócios, compondo o panorama da Praça Vidal de Negreiros⁶, onde fica o Ponto de Cem Réis, no centro da cidade de João Pessoa (PB).

Compreendemos, nessa narrativa, a evocação de alguns locais, que carregam memórias da referida cidade e nessa relação nos remetemos a Assmann (2011, p.317-318), que retoma as palavras de Cícero⁷, ao relacionar os locais, e seu potencial de memória:

Grande é a força da memória que reside no interior dos locais – a frase de Cícero pode servir de impulso para quem se questiona a respeito de uma força específica da memória e do poder dos locais. O grande teórico da mnemotécnica romana tinha uma noção clara do significado dos locais para a construção da memória. [...] O próprio Cícero cumpriu a passagem dos *lugares da memória* para os *locais de recordação*, segundo sua própria experiência, que as impressões captadas em um cenário histórico “são mais vivas e atenciosas” que outras assimiladas por ouvir falar [...].

Apesar de o Ponto de Cem Réis emergir na Praça Vidal de Negreiros, é importante destacar que esta expressão "Ponto de Cem Réis" antecede a inauguração da própria praça. Figurava naquele espaço o ponto final das três linhas de bondes da cidade, e os cobradores, ao se aproximarem do local, gritavam "*olha o ponto dos cem réis*", lembrando aos clientes para ter em mãos a moedinha de cem réis que era o preço da passagem naquela época. A expressão caiu no gosto do povo e o hábito se mantém. Poucos habitantes sabem o verdadeiro nome da praça. Conforme consideram Moreira e Silvestre (2010), o “Ponto de Cem Réis”, em sua vinculação com a cidade de João Pessoa, representa o campo de vivência do cotidiano da população que a habita, como transeuntes e/ou como moradores dessa cidade onde acontecem fatos e experiências de vida.

⁶ A Praça Vidal de Negreiros foi construída em 1924 pelo prefeito Walfredo Guedes Pereira, servindo como ponto final de bondes no centro cidade de João Pessoa.

⁷ Estadista, orador e filósofo romano, Marco Túlio Cícero nasceu no ano 106 a.C. em Arpino, Itália, e morreu em 43 a.C. em Formia, Itália. Cícero é considerado o primeiro romano que chegou aos principais postos do governo com base na sua eloquência e no mérito que obteve nas suas funções de magistrado civil. É um dos maiores oradores e pensadores políticos romanos.

Um lugar que, surgido de um grito do maquinista do bonde ainda conseguiu conservar, até os dias atuais, alguns dos traços originais deixados pelos seus criadores, frequentadores e vivenciadores. Apesar de que, tenha sofrido transformações no período militar com o surgimento do Viaduto Damásio Franca (para atender ao crescente fluxo de veículos da cidade) (1970) e atualmente, tenha sofrido um novo movimento com a revitalização, transformando-se em um extenso largo para abrigar grandes concentrações, a exemplo de shows, comícios, teatro ao ar livre, etc.

Esse espaço citado e narrado na crônica em questão reflete a memória viva da João Pessoa, pois rememora ainda a passagem do tempo, com suas peculiaridades, mantendo materializada a história de seus habitantes, que acompanham o “espírito” desse lugar, como afirmam Moreira e Silvestre (2010, p. 2) ao referir-se ao “Ponto de Cem Réis”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo compete-nos observar na análise da crônica “Telhado de Vidro” do escritor Gonzaga Rodrigues a peculiaridade do autor em narrar ou dar visibilidade aos movimentos que lhe são vistos e testemunhados considerando detalhes do passado que parece lhe permanecer vivo nos laços do presente, sobretudo ao compreender o lugar rememorado numa relação espaço-tempo, uma espécie de plenitude do visível, ainda que em proporções microscópicas como afirma Bakhtin (2003).

O passado rememorado pelo cronista traz uma aparente lógica das relações do cotidiano, das formações sociais, um palco de acontecimentos revelados por um processo determinantemente histórico e dialético entre personagens e fatos, embora deixe prevalecer uma espécie de fusão entre presente e passado permeado por um sentimento complexo pelo o que seu olho vê. Por outro lado, ao fazer esse processo o autor rompe com a dicotomia passado-presente e reforça a ideia de que o é lembrado depende também da identidade de quem lembra, nesse terá o autor traz informações por meio de sua capacidade de ler os indícios do tempo e das relações sociais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, C. X.de. Informações e Memória: as relações na Pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007.

_____. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.

ASSMANN, A. **Espaços de recordações**: formas e transformações da memória cultural. São Paulo: editora Unicamp, 2011.

BAKHTIN, M. O tempo e o espaço nas obras de Goethe. In: _____. **Estética da criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2003. p. 225-258.

BARROS, J. D. História e Memória: uma relação na confluência entre Tempo e Espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan./jul. 2009.

BAUMANN, E. S. **O arquivo da família Calmon à luz da arquivologia contemporânea**. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

BELL, J. **Projeto de pesquisa**: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOCCHESI, M. **A crônica como gênero híbrido, entre o jornalismo e a literatura: uma demonstração através de quando cai a neve no Brasil, de Paulo Ribeiro**. 2011. Dissertação. (Mestrado em Letras)- universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

BOSI, A. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero.1983.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

BRAGA, R. **A traição das elegantes**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.

CAMARGO, A. M. de A.; BELLOTTO, H. L. (Coords.). **Dicionário de terminologia Arquivística**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros - Núcleo Regional de São Paulo, 1996.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **Antropologia da memória**. Lisboa: A Triunfadora, 2013.

CANANI, C. E. Crônica: uma intersecção entre a Literatura e o Jornalismo. **Revista Científica CENSUPEG**, n. 3, 2014, p. 45-55.

CAPURRO, R. **Epistemologia e ciência da informação**. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 5., 2003, Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2003.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, n.6, 2003, p. 9-25.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, I. M. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

GOMES, F. A. Crônica: um gênero entre. **Mulemba**. Rio de Janeiro, v.1, n. 3, p. 98-109, jul./dez. 2010.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005, p.11-26.

GUEDES JUNIOR, A. F. C. Entre o tempo e o espaço: cidade e memória social. In: Simpósio Nacional de História, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.

HALBAWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Trad. Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Universitária UNICAMP, 2003.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução das pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOREIRA, M. de F. de A. R.; SILVESTRE, D. de O. O Ponto de Cém Réis que conheci e suas transformações: memória, espaço e tempo. In: Encontro Nacional dos Geógrafos, 16., 2010, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2011.

NASCIMENTO, D. M. Campo de Conhecimento, Vida Cotidiana e a Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 10, n. 1 / 2, j a n . / d e z, 2005.

NASCIMENTO, F.L.S. **Lirismo e nostalgia**: Gonzaga Rodrigues, Filipéia e outras saudades. 2013. Monografia (Curso de Graduação em Comunicação, habilitação em Jornalismo) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2013.

NIETHAMMER, Luiz. Conjuntura e identidade coletiva. In: **Revista Ética e História Oral**: projeto História. São Paulo, n. 15, abr. 1997.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História**, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de; AZEVEDO NETTO, C. X. de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. (Orgs). **Cultura popular**: nas teias da memória. João Pessoa: Editora Universitária, 2007, p.27-51.

ORTEGA, C. D. ; LARA, M. L. G. de. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **Data grama zero**: revista de ciência da informação, v. 11, n. 2, abr. 2010. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr10/F_I_art.htm>. Acesso em: 14 fev. 2015.

PESAVENTO, S. J. cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ**: textos de antropologia, arqueologia e patrimônio. Pelotas, RS, v.2, n. 4 ago./dez. 2005.

RIBEIRO, F. A Arquivística como Disciplina Aplicada no Campo da Ciência da Informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**. João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 59-73, jan./jun. 2011.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, G. **Café Alvear**: ponto de encontro perdido. João Pessoa: Texto Arte Editora, 2003.

_____. O telhado de vidro. In: _____ **Café Alvear**: ponto de encontro perdido. João Pessoa: Texto Arte Editora, 2003. p. 130-134.

ROUSSEAU, J. Y.; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SANTOS, B. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Lisboa: Edições Afrontamentos, 1994.

SANTOS, M. S. dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, out, v. 13, n. 38. 1998.

SILVA, L. E. F. da; OLIVEIRA, B. J.F. de. Mnemosyneinfor-comunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 135-143, jan./abr. 2014.

ZILBERMAN, R. et al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Universitária UFMG, 2004.